

As construções rurais tradicionais dos Parques Naturais do Alvão e Montesinho – uma reflexão

Alexandra Maria Ferreira Vieira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ Departamento de Ciências Sociais,
Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Mirandela – Instituto Politécnico de
Bragança (Portugal)

Palavras-chave: casa rural, construções rurais tradicionais, valorização.

Esta comunicação pretende dar um contributo para a compreensão das construções rurais tradicionais dos Parques Naturais do Alvão e Montesinho, nomeadamente através da caracterização da casa rural e das construções rurais.

Consideramos que existe um conjunto de dispositivos arquitectónicos fundamentais para a compreensão dos modos de vida destas populações que interessa conhecer e valorizar no presente e preservar para as gerações futuras. Estes elementos devem ser tidos em consideração na estruturação dos planos de ordenamento do território ou em estratégias de maximização dos recursos da região transmontana, o que normalmente não acontece por não serem reconhecidos como elementos patrimoniais.

No sentido de explorar as potencialidades deste património é necessário caracterizar, não só a casa rural tradicional e suas dependências, mas também as estruturas edificadas que povoam a paisagem transmontana, nomeadamente, os moinhos, pombais, fornos (de cozer o pão, de cal, de telhas) e curriças, entre outros. Na mesma linha de discussão, torna-se necessário reflectir sobre como se pode promover a sua salvaguarda e valorização.

Partant des présupposés théoriques de périphérie et de centre d'Evan-Zohar et du concept «imagologie» qui étudie les images littéraires en tant que branches des études comparatives, nous nous pencherons, d'un côté, sur la fonction que la bande dessinée assume dans la littérature et, de l'autre, sur l'adaptation d'un roman en bande dessinée. La bande dessinée étant élaborée à partir d'un langage mixte: l'image et les lettres, quelle importance devons-nous attribuer à chacun de ces éléments ? Comment se manifestent les instances narratives ? Classée comme «neuvième art», pouvons-nous considérer la bande dessinée comme un art «mineur»? Comment reconnaître et définir l'art?

Autant de questions complexes sont celles auxquelles nous essayerons de répondre à travers l'analyse du corpus Gemma Boverly, de Posy Simmonds.

1. INTRODUÇÃO

Com este artigo pretendemos contribuir para o conhecimento das construções rurais tradicionais dos Parques Naturais do Alvão e Montesinho, incidindo na caracterização da casa rural e em algumas estruturas de apoio às práticas agro-pastoris. Existe um conjunto de dispositivos arquitectónicos fundamentais para a compreensão dos modos de vida destas comunidades, sendo que, o seu estudo e valorização são necessários para preservar a identidade desta região. Salientamos também, que estes elementos devem ser considerados na estruturação dos planos de ordenamento do território ou em estratégias de maximização dos recursos da região transmontana, o que normalmente não acontece por não serem reconhecidos como elementos patrimoniais.

2. OS PARQUES NATURAIS DE ALVÃO E MONTESINHO – BREVE CARACTERIZAÇÃO.

Os **PARQUES NATURAIS** são áreas que se caracterizam por conter paisagens naturais, seminaturais e humanizadas, de interesse nacional, sendo exemplo da integração harmoniosa da actividade humana e da Natureza e que apresentam amostras de um bioma ou região natural. Em Portugal continental existem treze Parques Naturais, dos quais destacamos para a realização deste trabalho, o Parque Natural de Montesinho e o Parque Natural do Alvão.¹

¹ Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. (On-line). Disponível em: <http://portal.icnb.pt/ICNPportal/vPT2007/O+ICNB/Áreas+Protegidas/Parques+Naturais/> (acedido a 15.05.2008)

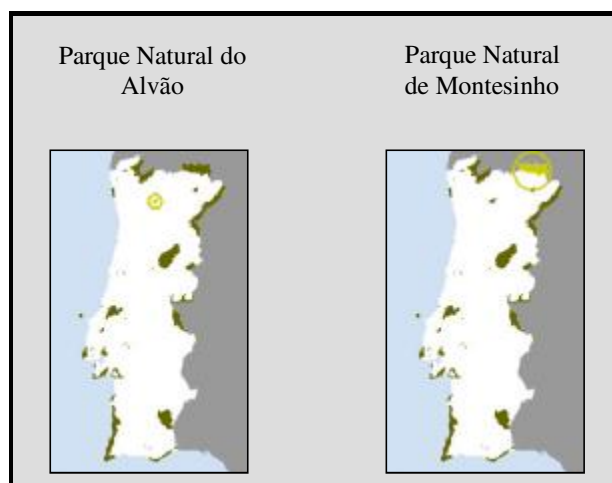


Figura 1. Localização dos Parques Naturais do Alvão e Montesinho.
(Fonte: ICNB)

“A riqueza natural e paisagística do maciço montanhoso Montesinho – Coroa e os valiosos elementos culturais das comunidades humanas que ali se estabeleceram justificam que urgentemente se iniciem acções com vista à salvaguarda do património e à animação sócio-cultural das populações”.

A citação corresponde ao início do preâmbulo do Decreto – Lei que, há quase 30 anos, classificou Montesinho como Parque Natural². Este parque situa-se na parte norte dos concelhos de Bragança e Vinhais, foi criado em 1979 e reclassificado em 1997, constituindo actualmente uma das maiores áreas protegidas do país. A sua criação teve como principais objectivos a salvaguarda do património cultural, natural, paisagístico de Montesinho-Corôa, preservando assim uma região caracterizada por uma sucessão de formas arredondadas, separadas por vales de rios profundamente encaixados.

A população residente na área do Parque obtém o rendimento económico a partir produção agro-pecuária que decorre aqui num regime extensivo, devido às condições orográficas, climáticas e à reduzida fertilidade dos solos desta região. A agricultura praticada nesta área é de subsistência, própria de uma região de montanha, sendo pouco evoluída e pouco rentável. O cultivo de cereais de sequeiro - centeio, trigo, aveia e

² Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. (on-line). Disponível em: http://www.icn.pt/TurismoNatureza_anexos/PNM.pdf (acedido a 15.05.2008)

cevada - é praticado no exterior das povoações, em zonas planálticas ou de encosta. Dentro dos povoados, ou na sua periferia, os solos são ocupados por culturas temporárias como a batata, o nabo, o feijão e o milho. Os lameiros, prados naturais que têm por água de rega a dos cursos de água e a proveniente das chuvas e do degelo das neves, são utilizados num regime de corte e pastoreio. Na zona central do Parque, os castanheiros são explorados na forma de souto, destinados à produção de castanha. A vinha e o olival têm pouca representatividade, sendo explorados para auto-consumo. As culturas hortícolas existem principalmente para consumo próprio.³



Figura 2. Paisagens do Parque Natural de Montesinho.

(Fonte: ICNB – imagem central; Associação Montesinho Vivo – imagens laterais)

As explorações agrícolas existentes são de carácter tradicional e familiar sendo o trabalho realizado por pessoas do mesmo agregado familiar. A posse da terra é considerada um bem económico e social, é a principal garantia de sustento das famílias e elemento de prestígio social.⁴ Apesar da importância da propriedade privada, tratam-se de comunidades rurais com fortes raízes comunitárias presentes de forma mais notória nos trabalhos agrícolas.⁵ A este propósito é de salientar, como afirma Jorge Dias na sua obra sobre Rio de Onor, que:

³ Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. (on-line). Disponível em: http://www.icnb.pt/TurismoNatureza_anexos/PNM.pdf (acedido a 15.05.2008)

⁴ “Economia”, *Parque Natural de Montesinho*, João Azevedo Editor, 1998, p. 66-73.

⁵ Maciel, Sofia Adriana, A máscara de Ousilhão (Vinhais), *Vinhais Património*, n/e, Vinhais, 1998, p.55.

Na terra fria bragançana que faz fronteira com Espanha, e igualmente em todos os territórios a norte no concelho de Vinhais até à Lomba são frequentes os traços comunitários, quer na fruição comum de baldios, quer nos rebanhos do povo (vezeiras de porcos) ou ainda nos fornos, lagares, moinhos, forjas. (...).⁶



Figura 3. Paisagens do Parque Natural do Alvão (A. Vieira)

O Parque Natural do Alvão foi criado em 1983. Situa-se na província de Trás-os-Montes e Alto Douro, no distrito de Vila Real (concelhos de Vila Real e Mondim de Basto). A sua área total é de 7220 hectares, abarcando tanto áreas de propriedade privada como terrenos comunitários (baldios). Esta área protegida situa-se no conjunto montanhoso definido pelas Serras do Alvão e do Marão e parte da sua área está na zona de transição das duas serras. Os prados de lima abrem-se em grandes clareiras entre os carvalhais representando um quadro paisagístico de grande valor. À semelhança do Parque Natural de Montesinho, a actividade dominante é a agro-pecuária, a agricultura que se pratica é de subsistência e de minifúndio, conciliando a “policultura de montanha”, o prado e produção hortícola; deve-se também destacar a produção de milho, que tem impacto no tipo de construções que lhe estão associadas.⁷

⁶ Dias, Jorge, *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril*, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Ergologia Peninsular, Porto, 1953, p.13.

⁷ Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. (on-line). Disponível em: <http://portal.icnb.pt/ICNPportal/vPT2007-AP-Alvao/O+Parque/Mapa+e+Caracterizacao/#> (acedido a 15.05.2008)

3. CONSTRUÇÕES RURAIS TRADICIONAIS

Nas áreas do **Parques Naturais de Montesinho e Alvão** encontramos aglomerados habitacionais com “*património edificado de cariz popular e pequenos edifícios de apoio às actividades rurais que resultam do sábio aproveitamento das condições geomorfológicas do terreno*”.⁸ A organização dos edifícios no interior das aldeias é condicionada pela geomorfologia do território e pelas particularidades da economia de subsistência. Com efeito, na sua morfologia é possível reconhecer núcleos compactos de edifícios separados por arruamentos sinuosos e estreitos. Tais núcleos albergam de forma complexa edifícios habitacionais e estruturas associadas às actividades de subsistência. Este entrecruzamento de práticas económicas e estruturação do espaço é enfatizado por Maria Eunice Salavessa, ao afirmar que:

*“A arquitectura reflecte a gestão dos recursos naturais e humanos, num determinado meio físico e sociocultural, que fundamentam um determinado modo de vida. A economia ou o modo de produção condiciona, significativamente, o modelo habitacional e as construções anexas”.*⁹



Figura 4. Uma visão da aldeia de Ermelo - P. N. Alvão (A. Vieira)

⁸ *Parque Natural de Montesinho*, João Azevedo Editor, 1998, pp. 5.

⁹ SALAVESSA, Maria Eunice da Costa, *A construção vernácula do Alvão – Enquadramento* – Tese de Doutoramento, UTAD, 2001, p. 156.

Consideramos que existem na paisagem dos Parques Naturais de Montesinho e Alvão, um conjunto de dispositivos arquitectónicos fundamentais para a compreensão dos modos de vida destas populações. Estas edificações ou estruturas são, geralmente, construções antigas com uma morfologia arquitectónica própria e característica da actividade a que se destinam; utilizam materiais de construção originários da região onde se localizam e são edificadas com recurso a tecnologias de construção tradicionais. José Carlos Barbosa designa-as como “construções rurais tradicionais” pelas suas características singulares do ponto de vista arquitectónico e funcional. Junto das habitações ou nos extremos das aldeias podemos encontrar vários tipos de construções que foram edificadas com funções muito específicas, relacionadas directa ou indirectamente com actividades agrícolas e pecuárias, cuja utilização foi durante muito tempo de cariz comunitário.¹⁰

Na Tabela 1 apresentamos de forma sistematizada a profusão da materialidade em estudo. Optamos pela criação de cinco tipos cujo equacionamento resulta da síntese das obras de José Carlos Barbosa e Maria Eunice Salavessa, tendo sido efectuadas algumas alterações, nomeadamente, a inclusão da casa rural como uma construção rural tradicional. Esta tabela está estruturada em cinco pontos: a) o tipo/ função das estruturas edificadas; b) a designação mais utilizada; c) a integração ou não das estruturas na casa rural, sendo que ocorrem casos em podem coexistir ambas as situações; d) a sua localização dentro ou fora dos povoados; e por último, e) a ocorrência destas construções no Parque Natural de Montesinho e no Parque Natural do Alvão.

¹⁰ BARBOSA, José Carlos, “Valorização e Aproveitamento das construções rurais tradicionais em Trás-os-Montes, como elementos do meio rural e da actividade agrária”, *1º Congresso de Estudos Rurais – ‘Mundo’ Rural e Património*, p. 1. Disponível em www.utad.pt/~10/Cer/CER/DOWNLOAD/1009.PDF (acedido a 21.05.2008)

Tipo/Função	Designação	Estruturas integradas na casa rural	Estruturas independentes	No interior dos povoados	No exterior dos povoados	PNM	PNA
Tipo A: Construções destinadas à habitação	Casas rurais tradicionais		x	x	x	x	x
Tipo B: Construções destinadas a alojamento e criação de animais	Pombais		x	x	x	x	
	Curriças		x		x	x	x
	Cortes	x				x	x
	Cortelhos	x				x	x
	Curral	x				x	x
	Capoeiras	x				x	x
Tipo C: Construções para a transformação e laboração de produtos de origem agrícola ou animal	Moinhos		x		x	x	x
	Lagares de azeite		x		x		x
	Lagares de vinho	x				x	x
	Pisões		x	x		x	x
	Colmeais		x		x	x	x
	Fornos de pão	x	x	x		x	x
Tipo D: Construções para armazenamento ou conservação de produtos	Palheiros	x	x				x
	Alpendres	x					x
	Espigueiros		x				x
	Adegas	x	x			x	x
Tipo E: Construções para fabrico de materiais ou utensílios	Fornos de cal		x		x	x	
	Fornos de telha		x		x	x	
	Forjas		x	x		x	

Tabela 1. Tipologia de construções rurais tradicionais

3.1. A CASA RURAL TRADICIONAL



Figura 5. Casa rural tradicional na aldeia de Ermelo - P. N. Alvão (A. Vieira)

A casa rural tradicional ajusta-se à topografia do terreno e ao clima, utilizando materiais tradicionais como a pedra, a madeira, a cal, o colmo e a telha. É constituída pela habitação e anexos relacionados com a produção.¹¹ O xisto e o granito são os materiais utilizados na construção das casas. As madeiras da região, nomeadamente o castanho e o carvalho, empregam-se na armação dos telhados, nas estruturas dos pisos e soalhos, nos vãos de portas e janelas. No âmbito das principais características morfológicas da casa rural transmontana, nas quais se incluem as habitações tradicionais do Parque de Montesinho e Alvão, devem ser retidos os seguintes aspectos: a) são na sua maioria construções simples, de forma regular, que podem tomar formas mais complexas em virtude da composição de vários edifícios; b) são casas geralmente de planta rectangular; c) nos povoados maiores domina a casa de dois pisos enquanto que nas aldeias mais pequenas e mais pobres temos casas de andar térreo, construídas de pedra miúda misturada com grandes calhaus.¹² Estas construções foram evoluindo e, actualmente, coexistem casas de habitação tradicionais: casas de um só piso, planta

¹¹ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 154

¹² *Parque Natural de Montesinho, ob. Cit.*, p. 58

rectangular, paredes exteriores de pedra e interiores de pedra ou tabique; e casas de dois pisos, de planta rectangular, com a habitação no piso superior, o gado e a adega no piso térreo (casa-bloco), pode ter escada exterior e/ou interior.¹³ A escada exterior com patamar, construída em granito ou xisto, faz a comunicação entre os dois pisos da casa e serve de acesso à habitação. As escadas exteriores podem situar-se perpendicularmente, a meio ou numa extremidade da fachada do edifício.¹⁴

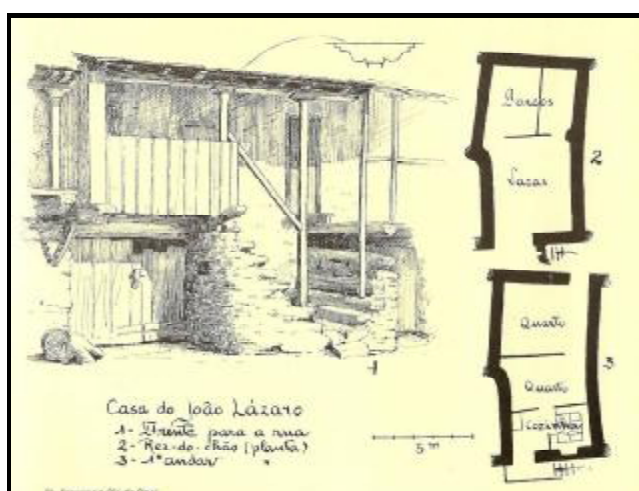


Figura 6. Alçado e planta de uma casa da aldeia de Rio de Onor (P. N. Montesinho)
(Fonte: Oliveira e Galhano, 1992: 140)



Figura 7. Casa de dois pisos em Ermelo - P. N. Alvão (A. Vieira)

¹³ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 156.

¹⁴ *Ibid.*, p. 182.



Figura 8. Tecto tradicional em Landedo (P.N. Montesinho)
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)

As paredes do andar térreo das cortes são, de um modo geral, compostas de pedra seca, sem argamassa de ligação, o que permite uma melhor ventilação e drenagem do terreno.¹⁵ Na sua maioria estas construções não possuem nenhum revestimento exterior com as seguintes excepções: o reboco em toda a fachada, aplicada com maior cuidado no piso superior e o reboco a emoldurar os vãos das janelas.¹⁶ Os vãos, em número reduzido e de dimensões relativamente pequenas (com excepção das portas das cortes ou dos lagares) são formados por peças de granito ou por lajes de ardósia. Estes vãos podem ser fechados por portinholas (inteiriças ou de um só batente) que foram entretanto substituídas por janelas, postigos ou óculos cuja moldura pode ser em cantaria ou madeira.¹⁷ Os vãos de casas mais importantes apresentam datas e ornamentos, esculpidos nas padieiras. Por vezes, por baixo ou ao lado das janelas aparecem poiais para a colocação de vasos com flores.¹⁸

¹⁵ Salavessa, *ob. Cit.*, pp. 166/167.

¹⁶ *Parque Natural de Montesinho, ob. Cit.*, pp. 58-60

¹⁷ “A Casa Rural”, Artes e Tradições de Bragança, Direcção Geral de Cultura, Bragança, 1978, p.42-44

¹⁸ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 169.



Figura 9. Vãos de duas casas de Pinheiro Novo (P.N. Montesinho)
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)



Figura 10. À esquerda – inscrição na porta de uma casa que data de 1795 (A. Vieira); à direita -
poiais para colocação de flores em Ermelo (Fonte: Jorge, 1996)

As coberturas tradicionais das casas variam entre a ardósia; a telha cerâmica (material actual, com forte implantação em todas as povoações dos dois Parques); o colmo ou a palha centeia. O colmo deixou de ser o tipo de cobertura utilizado nas habitações no Parque Natural de Montesinho, embora continue a ser utilizado nos *cabanais* ou

palheiros na zona de Vinhais.¹⁹ Ainda subsiste em algumas aldeias do Parque Natural do Alvão, nomeadamente em Dornelas, Anta e Lamas de Olo, mas em geral, a cobertura de colmo tem sido substituído pela ardósia e pela telha.²⁰



Figura 11. Cobertura tradicional em ardósia na aldeia de Pinheiro Novo – P. N. Montesinho
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)

A habitação. As casas no seu interior são muito simples, de paredes negras, já que o fumo se espalha pela casa antes de sair pelos buracos das paredes, portas e telhas. Não são forradas, tendo como suporte do telhado troncos grossos de castanheiro ou negrilho (em Montesinho). Os soalhos são feitos com madeiras da região. Nas casas mais simples encontramos somente a cozinha e um compartimento acanhado que serve de quarto. O mobiliário é constituído somente por uma ou duas camas, mesa, escano de cozinha e alguns bancos. Nas casas de dois pisos existem mais áreas, a cozinha, a sala, quarto ou quartos. O número de divisões podia variar, mas a cozinha era o centro e a maior divisão de qualquer habitação. Podemos dizer que era o principal compartimento da casa, o local onde a família se reunia à hora das refeições, onde se realizavam as tarefas caseiras e onde se passava o serão à volta da lareira. No interior da habitação era inexistente qualquer tipo de apoio sanitário assim como a distribuição de água.

¹⁹ “A Casa Rural”, *ob. Cit.*, p. 42-44

²⁰ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 174

No Montesinho, a lareira ou “lar”, pode estar a meio ou a um canto da cozinha. É formada por uma grande pedra, ou laje, sobre a qual se acende o lume. Pode situar-se acima do nível do chão (nas casas mais favorecidas) enquanto que nas casas mais pobres/casa térreas fica abaixo do nível do pavimento, sendo constituída por uma ou duas pedras ladeiras, enterradas no solo.²¹ No Alvão, o lume arde sobre uma laje de granito, ao nível do sobrado ou mais elevada, no centro da cozinha ou junto a uma parede ou a um recanto; a lareira tradicional não tem “chupão” (nome que se dá ao pano de apanhar o fumo), nem chaminé, que o conduza o fumo para o exterior da casa; este sai por uma porta ou janela, ou por uma pequena abertura, que existe na cobertura ou na parede junto à lareira.²²

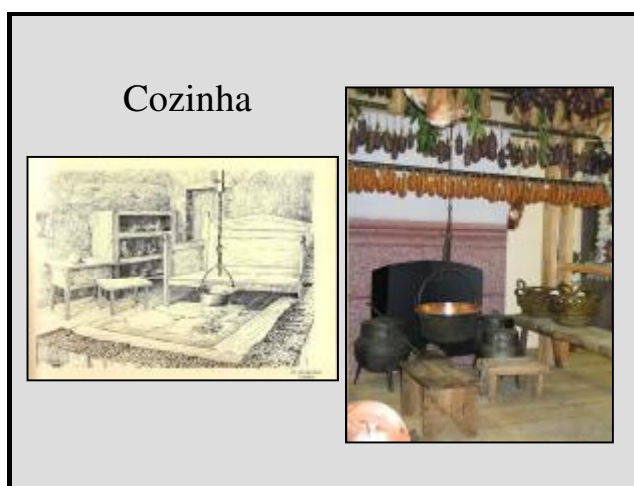


Figura 12. As cozinhas tradicionais tinham como elemento central a lareira e a cremalheira suspensa do tecto. (Fonte: à esquerda, Oliveira e Galhano, 1992; à direita, Associação Montesinho Vivo)

Do conjunto de artefactos de uso doméstico, distinguem-se: a cremalheira, suspensa do tecto, com uma caldeira de ferro ou de cobre sobre o lume, também designada de *lares* em Vinhais e *gramalheira* em Bragança e o *trasfogueiro*, em ferro forjado, para apoio dos troncos de lenha. À volta da lareira colocam-se os potes de ferro e os escanos.

²¹ “A casa rural”, *ob. Cit.*, pp.53-60

²² Salavessa, *ob. Cit.*, p. 188

Alguns escanos possuem uma mesa de baixar, articulada no meio das costas, segura por dobradiças. Há também os bancos individuais, quadrados, rectangulares ou semicirculares.

O forno para cozedura do pão pode aparecer no interior da casa ao lado da lareira (comum no Parque Natural do Alvão) ou a sua boca pode localizar-se no interior da cozinha e o restante no exterior da cozinha (por falta de espaço) ou pode situar-se numa das arrecadações da casa. Nas traves horizontais que servem de suporte ao telhado e por cima da lareira colocam o caniço destinado à secagem das castanhas. Nestas traves também se dependuram o fumeiro a secar.²³

Como já referimos anteriormente, a escada exterior com patamar faz a comunicação vertical dos dois pisos da casa e serve de acesso à habitação. Quando o patamar é mais amplo, dá origem ao terraço ou ao solário, ou ainda à varanda corrida que se encontra em todas as povoações do Alvão.²⁴ No Montesinho, quando a casa tem varanda, o telhado prolonga-se, protegendo-a e abrigando-a e é servida por escada de madeira ou de pedra, paralela ao edifício. Normalmente é encarada com um compartimento necessário às actividades familiares, onde se colocam produtos agrícolas e a roupa a secar, se dependuram as cebolas, o milho ou o caniço com as castanhas. É aí que as pessoas se sentam a fiar a lã e o linho, a partir couves, etc. Geralmente a varanda situa-se na fachada principal que dá para a rua.²⁵

²³ “A casa rural”, *ob. Cit.*, pp.53-60

²⁴ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 182

²⁵ “A varanda transmontana”, *Artes e Tradições de Bragança, ob. Cit.*, pp.68-70

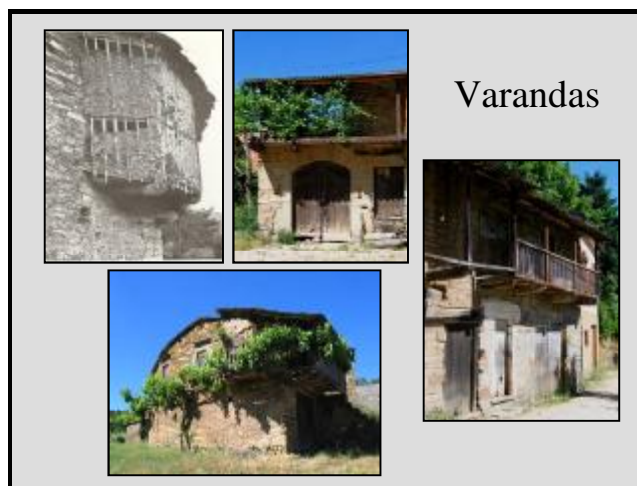


Figura 13. Varandas tradicionais de várias aldeias do Parque Natural de Montesinho
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)

Os aspectos construtivos mencionados condicionam a dimensão da casa habitacional de um piso ou de dois andares (a habitação sobre a corte), com cobertura de duas ou quatro águas. Este modelo torna-se mais complexo ao justapor outras estruturas como por exemplo, os alpendres, as arrecadações, os currais, os lagares, as adegas. Estas dependências podem estar na continuidade da casa-bloco, ou podem ser construções independentes.²⁶ À casa-bloco justapõem-se outras estruturas edificadas, como os currais, o forno de cozer o pão, o lagar, o alpendre e o palheiro, entre outros. Estas estruturas secundárias podem destacar-se da casa base, como já foi referido.²⁷

3.2. SISTEMAS DE PRESERVAÇÃO E ARMAZENAMENTO DOS PRODUTOS

A produção de géneros alimentares, resultantes da actividade agrícola, implica, após a colheita, a sua conservação durante o ano inteiro. Assim, constroem-se sistemas de preservação e armazenamento dos produtos agrícolas, que evitem a sua deterioração pela humidade, ar, luz, calor, e pela acção de roedores e insectos. São construções

²⁶ Salavessa, *ob.Cit.*, p. 187

²⁷ *Ibid.*, p.188

destinadas a abrigar, guardar, secar e conservar o milho, o centeio, o feijão, a batata, a uva e outros produtos, ou o feno, destinado aos animais. Incluem espigueiros, casas da eira, palheiros, alpendres e adegas.²⁸

Alpendre. No Alvão é frequente a associação da eira a um anexo coberto, o alpendre, limitado por uma a três paredes e dispondo de uma única abertura, para acesso directo ao espaço de debulha. O alpendre é local de resguardo do carro, das alfaias agrícolas e da lenha para utilização doméstica. Aqui se seca o grão, o feijão, o milho antes da sua armazenagem, em sequeiros ou espigueiros. Por vezes, sob o tecto do alpendre que, geralmente, é adossado à casa de habitação, encontra-se o forno, o local de armazenagem de palha e legumes, a capoeira e o lagar, constituindo, ainda, o espaço onde de executam trabalhos de artesanato.²⁹

Cabanal. No Montesinho, em algumas aldeias de Vinhais, nas traseiras das casas situa-se o *cabanal*, – espécie de alpendre coberto de colmo, telha ou lousa, firmado sobre pilares, esteios de uma só pedra ou de madeira, sem paredes pelos lados. Fica contíguo às casas de habitação ou perto delas. O cabanal é sempre coberto e era neste local que se colocava a lenhas, as madeiras e o carro de bois.³⁰

Adega. Nas povoações onde se cultivava a vinha, as casas de habitação têm, no andar térreo, uma adega, onde se armazena o vinho, em pipas, e um lagar, para a transformação da uva. É um espaço, em parte escavado na rocha, mantendo uma temperatura adequada à conservação do vinho. A adega e a corte são separadas por uma parede de pedra. Em Ermelo (Alvão), existem algumas casas com escada interior de madeira, que faz a comunicação entre a habitação e a adega. No Parque Natural do Alvão, com a introdução e assimilação da cultura do milho durante o século XVIII em

²⁸ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 195

²⁹ *Ibid*, pp. 210/211

³⁰ Vasconcelos, J. Leite, *Etnografia Portuguesa*, I.N.-C.M., Vol. VI., 1980, p.181.

Portugal, são criadas as eiras de pedra e os espigueiros, construções destinadas ao seu tratamento e armazenamento.³¹

Espigueiros. Os espigueiros são estruturas concebidas para recolha e armazenagem de espigas de milho, preservando-as da humidade do ar e do solo e contra a acção dos predadores. Os espigueiros mais antigos de pedra e datados encontrados no Alvão são dos séculos XVIII e XIX. Aqui se encontram de uma forma geral “espigueiros estreitos, de paredes aprumadas, em regra, com o corpo em pedra e madeira ou só de madeira, telhado com ou sem guarda-ventos e cápeas e ripado vertical”.³²

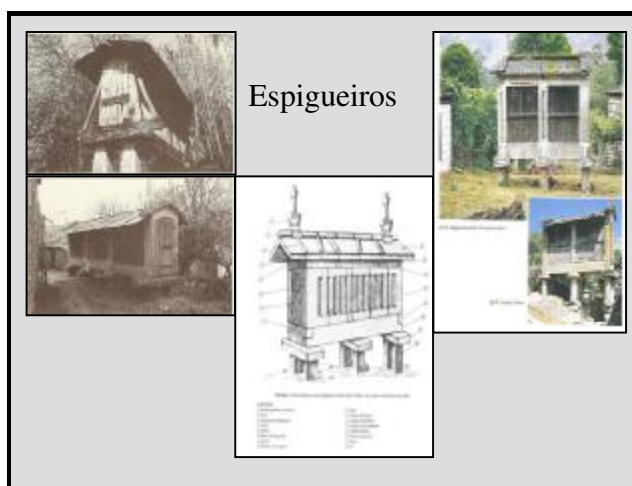


Figura 14. Vários pormenores dos espigueiros típicos do Parque Natural do Alvão
(Fonte: à esquerda: Jorge, 1996; ao centro e à direita: Moura, 1993)

Palheiro. O palheiro é um anexo do espaço arquitectónico rural, também conhecido por “fenil” (no Alvão), destinado a guardar e conservar o feno para alimentação de gado. Quando o Palheiro tem dois pisos, o andar térreo pode ser aberto, num ou mais lados, para arrumação de alfaias ou carro de bois, ou para instalação da “corte” ou da adega.³³

³¹ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 189

³² *Ibid*, pp. 195/196

³³ *Ibid*, p. 208

3.3. CONSTRUÇÕES PARA A TRANSFORMAÇÃO E ELABORAÇÃO DE PRODUTOS DE ORIGEM AGRÍCOLA OU ANIMAL.

A produção de matérias alimentares, resultantes da actividade agrícola conduz à existência de estruturas de transformação³⁴:

Fornos de cozer o pão. No Alvão, em regra, cada casa tem o seu forno particular de cozer o pão, num recanto da cozinha, junto à lareira; algumas casas apresentam um alpendre, que cobre o lugar onde se dispõe o forno ou um conjunto corrido de dois ou três fornos.³⁵ No Alvão assim como em Montesinho encontram-se fornos de cozer o pão, de um ou dois pisos. Os fornos comunitários são em muitas aldeias de Montesinho, uma construção autónoma onde todos podiam cozer o pão.³⁶



Figura 15. Forno de Pão na aldeia de Gondosende – P.N. Montesinho
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)

Lagar de azeite. A produção de azeite no Alvão é representativa nas aldeias das freguesias de Ermelo e Bilhó. Os edifícios onde se encontram instalados os lagares possuem uma tipologia semelhante à dos moinhos de água, mas de maior envergadura,

³⁴ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 220

³⁵ *Ibid*, p. 188

³⁶ "A casa rural", *ob. Cit.*, pp. 53-60

devido à maior quantidade de engenhos utilizados na produção de azeite. Localizam-se junto a linhas de água, aproveitando a energia hidráulica para o funcionamento do rodízio. Tal como os moinhos de água, possuem uma conduta de água e um “cubo”, e os edifícios têm dois pisos, com o rodízio no inferior, e o equipamento para a produção do azeite no superior. Aqui, encontra-se: o lagar onde se mói a azeitona, através de “galgas” de pedra, accionadas pela força motriz da água; a prensa de vara ou de sarilho; a fornalha; e as “tarefas”, para recolha e separação do azeite.³⁷

Moinhos. Os moinhos de água são construções de pequenas dimensões. São normalmente *moinhos de rodízio horizontal fixo à pela*. Construídos em xisto ou granito, de planta rectangular ou quadrangular, no seu interior possuem o mecanismo da moagem e algum espaço para o armazenamento dos cereais e da farinha. Os cereais utilizados na moagem são normalmente o milho, o centeio, a aveia e, anteriormente, a castanha. Todas as aldeias do Parque Natural do Alvão têm moinhos de água nas imediações das povoações, normalmente junto a rios ou ribeiras ou a linhas de água subsidiárias. Na sua grande maioria encontram-se abandonados e arruinados.³⁸



Figura 16. Moinho de rodízio em ruínas perto da aldeia de Lamas de Olo - P. N. Alvão (A. Vieira)

³⁷ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 189

³⁸ *Ibid.*, p. 215

No Parque Natural de Montesinho, os moinhos são chamados de Moinho do Povo ou moinho comunitário, a sua conservação e manutenção está a cargo do “concelho do povo” da respectiva aldeia. Estas construções são edificadas junto dos rios ou de ribeiras e, sempre que possível, próximo das aldeias. São moinhos de Inverno e praticamente só trabalham nesta estação do ano. Todo o habitante do lugar tem o direito de moer o seu cereal à vez, segundo a ordem que as respectivas casas ocupam nesse lugar ou aldeia, mas este deve limpar o moinho sempre que o utiliza. Quando os rios passam dentro das aldeias e os moinhos se situam dentro das povoações, basta bater a porta. Quando o moinho se encontra um pouco distante do povoado, usam uma chave que circula de mão em mão e que entregam uns aos outros, segundo a mesma ordem em que estão localizadas as casas no lugar. Os moinhos do povo destinados a moer o centeio têm apenas uma mó que hoje em dia é utilizada para moer a farinha dos animais. Existem moinhos de duas mós que moem a farinha mais fina para o fabrico do pão.³⁹



Figura 17. Moinhos no Parque Natural de Montesinho
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)

São geralmente construções rudes em pedra, de dimensão variável em função da existência ou não de instalações anexas às do mecanismo de moagem e do número

³⁹ “Moinho do Povo”. *Artes e Tradições de Bragança, ob. Cit.*, p.76

destes mecanismos instalados. Pode ter uma porta e um eventual janelo.⁴⁰ As construções mais frequentes são pequenas, sem anexos ou com anexos simples para pessoas ou animais.⁴¹ Localizam-se junto de água, porém alguns foram instalados na parte alta das povoações aproveitando a água das levadas. Quanto ao abastecimento de água, a água é desviada do seu curso normal através de uma *levada* – rego de secção rectangular construído por peças de granito – entrando no moinho pelo “*cubo*” – tubo de pedra. A construção tem dois pisos, o inferior, designado por “*cabouco*”, e o superior, o “*sobrado*”. No *cabouco*, é onde se localiza o sistema motor (rodízio, que será descrito mais adiante), no *sobrado* localiza-se o mecanismo de moagem e é o local de descanso do moleiro. Normalmente possuem um açude e uma levada para permitir canalizar as águas fluviais até às pás do rodízio. É a força desta água que vai fazer mover o rodízio que suporta a mó. Para que a água tenha pressão, a levada e o rodízio situam-se em planos desnivelados e o cubo praticamente na vertical. A água canalizada nos anéis do cubo é forçada pela gravidade a passar por uma peça bastante estreita, projectando-se nas penas do rodízio.

Uma componente essencial do aparelho motor é o rodízio. Trata-se de uma peça constituída por uma roda composta por variadas palas ou penas, nas quais bate o jacto de água que sai do cubo pela seteira. Durante muito tempo este sistema era construído em madeira, hoje em dia a maioria dos moinhos possuem este sistema em ferro. O aparelho de moagem, situado no piso superior, compreende a moenda e a moega com os seus componentes. A moenda compõe-se fundamentalmente de um par de mós: a inferior trata-se de um elemento fixo, também designado por *pouso*; e a superior, a que também se dá o nome de *mó*, *mó de cima* ou *andadeira*. Estas mós são dotadas de uma perfuração central entre as quais, através da rotação da mó de cima, se transforma o cereal em farinha.⁴²

⁴⁰ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 215

⁴¹ *Parque Natural de Montesinho, ob. Cit.*, pp.64-65.

⁴² Alves, Vítor; Monteiro, José Rodrigues, *Moinhos de Água do Parque Natural de Montesinho*, Parque Natural de Montesinho, 1993, pp. 69-93.

3.4. CONSTRUÇÕES DESTINADAS A ALOJAMENTO E CRIAÇÃO DE ANIMAIS

As construções de apoio à agricultura encontram-se geralmente dentro das aldeias, mas também ocorrem situações em que estes elementos se encontram separados dos blocos de habitação, e geralmente ocupam anteriores casas e habitação de um só piso, muitas delas perto dos lameiros.⁴³

Corte/Cortelho/Curral e Capoeira. A corte destina-se a guardar o gado bovino (vacas e vitelos), situa-se por baixo do piso da habitação e o seu acesso faz-se pelo exterior. Os porcos são recolhidos no cortelho ou pocilga, também denominados por “chiqueiros”, que, geralmente, ficam por baixo da cozinha, lançando-se restos de comida a partir de uma abertura no soalho. As construções para abrigo do gado caprino podem designar-se no Alvão de “curral” ou de “cabril”. As capoeiras são recintos construídos, sobretudo para abrigar galinhas poedeiras.⁴⁴

Curriças. “Casa de campo” coberta de colmo, telha ou lousa, onde pernoita, de Inverno, o gado que se encontram na proximidade dos lameiros; situa-se fora das aldeias.

Pombais. Este tipo de estruturas não foram identificadas no Parque do Alvão. São construções isoladas ou em conjunto (ex. 4 pombais junto à aldeia de Cova de Lua) que tanto se podem localizar fora como dentro das aldeias. Nesta zona, na sua maioria são em forma de ferradura, com cobertura de uma só água construída em lajes de lousa justapostas ou telha de meia cana e sustentadas por duas traves transversais de castanho. A cobertura de uma só água não é corrida. Geralmente é formada por dois ou três lances, o que forma as saídas de voo. São caiados de branco e as paredes são construídas em xisto e barro na maior parte dos casos. A superfície exterior é estucada e pintada de

⁴³ Moura, Maria Luísa, “Contribuição para o estudo do Património Etnológico no Parque Natural do Alvão”, *Erica*, n.º 21, Janeiro/Março de 1995.

⁴⁴ Salavessa, *ob. Cit.*, p. 189

branco de forma a evitar a humidade no interior do pombal e dando uma percepção mais fácil aos pombos. Nos beirais encontramos muitas vezes conjuntos de pedras brancas, que ao mesmo tempo que prendem as lousas, não as deixando levantar, servem de chamariz às pombas. O acesso faz-se a partir de uma pequena porta.



Figura 18. Pombais em forma de ferradura em Espinhosela e Aveleda – P.N. Montesinho
(Fonte: Associação Montesinho Vivo)

Do ponto de vista económico, os pombais eram importantes para quem os possuía, pois do chão do pombal era recolhido o “pombinho” ou estrumeira, sendo usado para o adubamento das terras de centeio, trigo e serôdio. De Maio a Setembro, as pessoas utilizavam borrachos para a alimentação. A maioria dos pombais encontram-se abandonados.⁴⁵

3.5. CONSTRUÇÕES PARA O FABRICO DE MATERIAIS OU UTENSÍLIOS

Forjas. Estas construções apenas se encontram no Parque Nacional de Montesinho. Eram edificações rudes, de pequenas dimensões, geralmente de uma só água, uma porta e uma janela. No seu interior temos num canto a fornalha onde o fole aviva o lume, ladeada por uma grande tina em pedra (para a água) e um cepo que serve de base à bigorna. As forjas, em algumas aldeias, eram espaços comunitários onde as pessoas

⁴⁵ “Pombais”, *Artes e Tradições de Bragança, ob. cit.*, pp. 104-111.

faziam consertos ligeiros nas suas ferramentas e alfaias agrícolas. Actualmente, a forja está em vias de extinção, apenas se usa para soldar uma ou outra peça que normalmente é usada com fins agrícolas, já que o ferreiro costuma ser ao mesmo tempo agricultor. Esta realidade já quase desapareceu. Hoje em dia, os ferreiros que se dedicam exclusivamente a esta actividade têm já oficinas maiores e adaptadas às tecnologias modernas.

Fornos de Telhas. Estas estruturas apenas foram identificadas no Parque Nacional de Montesinho. Muitos dos fornos utilizados para cozer as telhas eram fornos comunitários. Regra geral erguiam-se fora das aldeias, perto das eiras de malhar o cereal. Podiam ser rectangulares (na sua maioria) e quadrados, construídos com xisto e barro. À distância, o forno apresenta o feitio de uma pequena mamoa sem terra pela parte de cima. Na maior parte das aldeias, estes fornos desapareceram totalmente, noutros ainda existem vestígios de paredes desmornadas e cheias de silvas. Noutros locais já só aparece uma depressão no terreno, onde existiu o forno, pelo que se torna muito difícil caracterizar este tipo de dispositivo.⁴⁶

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surge no seguimento de um conjunto de pesquisas realizadas sobre os Parques Naturais do Alvão e do Montesinho, pesquisas essas de índole muito diversa, tanto no âmbito da arqueologia de emergência como na produção de inventários patrimoniais sobre a região transmontana. A realização desses trabalhos permitiram tomar consciência de que é necessário a realização de estudos sistemáticos sobre as construções rurais tradicionais em Trás-os-Montes e Alto Douro. Tal projecto passaria necessariamente por uma prospecção sistemática das áreas em estudo, correspondendo este texto apenas a uma revisão bibliográfica desta temática. No âmbito dos elementos bibliográficos consultados é de salientar a ausência de estudos sistemáticos, com efeito,

⁴⁶ Afonso, Belarmino, “A cerâmica artesanal no distrito de Bragança”, *Brigantia*, Bragança, Vol. 1, n.º 2, Janeiro/Março 1981, pp. 91-97.

grande parte da informação foi recolhida em textos de natureza muito distinta e com objectivos dispares. Em contraste com este cenário, salientamos a tese de doutoramento de Maria Eunice Salavessa sobre a arquitectura tradicional do Parque Natural do Alvão, que se destaca não só pelo vasto trabalho que realizou na região, mas também pela preocupação do estudo das técnicas adequadas para a recuperação e reabilitação de muitos destes edifícios e estruturas.

No que diz respeito à caracterização das construções rurais tradicionais nas áreas dos Parques Naturais do Alvão e Montesinho, partiu-se de uma ideia pré-concebida de que se iria encontrar algumas diferenças significativas entre as áreas estudadas. No entanto, verificou-se que, com algumas excepções, a tipologia das casas, as estruturas anexas, os materiais de construção, as técnicas construtivas utilizadas, são em tudo semelhantes. A diferença mais significativa prende-se com a existência, no Parque Natural do Alvão, de espigueiros, que se encontram ausentes da paisagem rural do Parque Natural de Montesinho. As eiras são comuns na área de ambos os Parques, porém apresentam características e fins diversos. Por outro lado, os pombais só se encontram na área do Parque Natural de Montesinho, constituindo uma construção típica da Terra Fria transmontana.

Este trabalho procurou promover um primeiro contacto com estas realidades. O nosso propósito é de aferir a possibilidade de desenvolver projectos de gestão e valorização patrimonial numa área onde o investimento no turismo cultural só agora começa a emergir com mais força no panorama regional. Consideramos que os parques naturais do Alvão e Montesinho apresentam múltiplas oportunidades de valorização, no entanto, a investigação é o suporte de qualquer projecto de valorização patrimonial, pelo que, pretendemos que este texto seja entendido como um trabalho preliminar com vista a ser desenvolvido. Hoje em dia torna-se necessário pensar no património cultural como um recurso ao serviço do desenvolvimento local, que pode fomentar o turismo cultural na região. Da análise efectuada, é possível equacionar inúmeros projectos que caminhem nessa direcção, cuja apresentação excede os objectivos deste texto. Porém, para que tal suceda, é necessário que as comunidades compreendam a importância e riqueza

patrimonial que possuem e que promovam a sua salvaguarda. Este processo de protecção e salvaguarda das construções rurais deve partir das próprias comunidades locais, já que constituem elementos fundamentais para a construção da identidade local. O seu estudo, por parte dos investigadores, constitui um contributo válido para todo este processo que implica uma constante mediação de inúmeros interesses.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Associação Montesinho Vivo, nomeadamente a Telmo Cadavez pela cedência de bibliografia e algumas das fotografias apresentadas neste trabalho. A Sérgio Gomes, meu colega de doutoramento e amigo, a sua camaradagem e sugestões na produção deste texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELECTRÓNICAS

- AFONSO, Belarmino, “Etapas de uma actividade artesanal”, *Brigantia*, Bragança, Vol. 1, n.º 2, Janeiro/Março 1981.
- ALVES, Vítor; MONTEIRO, José Rodrigues, *Moinhos de Água do Parque Natural de Montesinho*, Parque Natural de Montesinho, 1993.
- Artes e Tradições de Bragança*, Direcção Geral de Cultura, Bragança, 1978.
- BARBOSA, José Carlos, “Valorização e Aproveitamento das construções rurais tradicionais em Trás-os-Montes, como elementos do meio rural e da actividade agrária”, *1º Congresso de Estudos Rurais – ‘Mundo’ Rural e Património*, p. 1. (on-line) Disponível em: www.utad.pt/~10/Cer/CER/dOWNLOAD/1009.PDF
- CASTRO, Nuno Meira da Silva, “Pombais de Bragança”, *Brigantia*, Bragança, vol. 1, n.º 2, Julho/Setembro de 1981.
- DIAS, Jorge, *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril*, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Ergologia Peninsular, Porto, 1953.
- JORGE, Luísa, *Retratos, Ermelo 1196-1996*, Edição do Instituto da Conservação da Natureza e Parque Natural do Alvão, Ermelo, 1996.
- GUERRA, Carlos, *O homem faz as casas, as casas fazem o homem. Manual de recuperação e construção*. Parque Natural de Montesinho, 1993.
- Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. (on-line). Disponível em: <http://portal.icnb.pt>
- MACIEL, Sofia Adriana, A máscara de Ousilhão (Vinhais), *Vinhais Património*, n/e, Vinhais, 1998.
- MOURA, Armando Reis, *Espigueiros de Portugal*, Parque Natural da Ria Formosa, 1993.
- MOURA, Maria Luísa, “Contribuição para o estudo do Património Etnológico no Parque Natural do Alvão”, *Erica*, n.º 21, Janeiro/Março de 1995.
- Parque Natural de Montesinho*, João Azevedo Editor, 1998.
- OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- SALAVESSA, Maria Eunice da Costa, *A construção vernácula do Alvão – Enquadramento* – Tese de Doutoramento, UTAD, 2001.
- VASCONCELOS, J. Leite, *Etnografia Portuguesa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. VI, 1980.